

AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM VIVÊNCIAS DE UM PROJETO SOBRE DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rayssa Araújo Hitzschky¹

Tereza Nádia Holanda²

RESUMO

A temática das relações étnico-raciais tem se constituído pauta de discussão expressiva no ambiente escolar, fazendo-se necessário que esse tema seja trabalhado amplamente na Educação Infantil, como forma de alavancar vivências e projetos na primeira infância. Este estudo tem como objetivo apresentar as contribuições de um projeto desenvolvido com vinte crianças pequenas no segmento creche de um Centro de Educação Infantil (CEI) municipal acerca das relações étnico-raciais, o que partiu de um interesse genuíno e espontâneo das crianças sobre o tema. Como metodologia, foi utilizada uma abordagem qualitativa, de cunho descritivo e interpretativo, acerca das diferentes vivências realizadas no projeto, incluindo: a) Roda de leitura do livro “Lápis cor de pele”, na qual as crianças perceberam suas singularidades e características físicas distintas, algumas, reconhecendo-se nas personagens da história; b) Roda de conversa e a representatividade nos brinquedos da sala; c) Experiência de pintura sobre as diferentes cores de pele, na qual foi possível retratar diferentes representações sobre os sujeitos sob o olhar das crianças; d) Produção de esculturas de argila, onde as crianças puderam fazer suas interpretações sobre como as pessoas são percebidas e decifradas por elas em seu cotidiano. Os resultados revelaram que a temática das relações étnico-raciais são experienciadas pelas crianças diariamente e elas, como sujeitos com potencialidades, levantam questionamentos sobre as relações plurais, partindo daí interesses próprios acerca desse repertório, cabendo ao professor(a) atuar como facilitador no cerne de práticas pedagógicas antirracistas. Desse modo, percebeu-se que as vivências proporcionadas no âmbito do projeto favoreceram um ambiente acolhedor e frutífero para as discussões sobre as relações étnico-raciais, estimulando o senso sociocultural entre as crianças e fortalecendo o (re)conhecimento e o pertencimento racial de si e dos outros, a partir de imagens positivas de si mesmos, como bem imaterial para as infâncias.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais, Diversidade, Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

A primeira infância, período que abrange desde a concepção até os 6 anos de idade, constitui-se uma janela de desenvolvimento imprescindível para a formação humana, saúde e bem-estar cognitivo, social e emocional, sendo necessário que sejam fomentadas, nesta fase, intervenções e experiências para um desenvolvimento propício e

¹ Pedagoga, Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará - CE, professora efetiva da Rede Pública Municipal de Educação de Fortaleza. Ceará, e docente do Centro Universitário Unichristus, hitzschkyrayssa@gmail.com;

² Pedagoga pelo Centro Universitário Inta - Uninta e assistente educacional da Rede Pública Municipal de Educação de Fortaleza, Ceará, nadia.francelinosh@gmail.com.

favorável para as infâncias (BRASIL, 2017; 2010; FORTALEZA, 2020). Logo, é na Educação Infantil, importante etapa do processo educacional, que as crianças começam a vivenciar suas primeiras experiências sistematizadas para além do contexto familiar, considerando a ampliação do repertório de suas aprendizagens cotidianas.

Estudos têm evidenciado que é, na primeira infância, que crianças negras e indígenas vivenciam, pela primeira vez, alguma experiência de racismo (PIA, 2023), trazendo impactos significativos a curto, médio e longo prazo, muitas vezes, de forma silenciosa. Uma pesquisa do *Center on the Developing Child* (2019)³ aponta que, mesmo muito pequenas, as crianças sofrem com a violação de direitos fruto do racismo, estigmatizando e hierarquizando as diferenças entre elas e impactando em diferentes dimensões do desenvolvimento infantil, como a construção da autoestima, a capacidade de sociabilização, a percepção de si, o senso de pertencimento e a saúde física e mental.

Conforme pontuam Franco e Ferreira (2017), a educação é atravessada por relações de poder e, como tal, é um campo de lutas, nas quais participam múltiplos atores, sendo por isso necessário e urgente que os direitos humanos das crianças na Educação Infantil sejam respeitados e garantidos. Entende-se, diante desta conjuntura, que educar para as relações étnico-raciais contribui para interações mais harmoniosas entre as crianças, possibilitando o acesso ao patrimônio histórico e cultural de um povo. Isso contribui para a construção de uma autoestima positiva e uma identidade étnico-racial fortalecida, trazendo reflexos para o processo do conhecimento, bem como para as relações estabelecidas com outros atores (FRANCO; FERREIRA, 2017).

Goés e Rosa (2021) asseveram que a atuação pedagógica voltada para a afirmação das identidades negras na Educação Infantil oportuniza a valorização das referências culturais e históricas das crianças e contribui para a afirmação da negritude, estimulando o enfrentamento ao racismo. Além disso, são criadas oportunidades para que os sujeitos nas escolas a compreendam como “um lugar desterritorializado, de desconstrução de narrativas hegemônicas, de negação a perpetuação de estigmas, e que leve as crianças a valorizarem suas histórias e referências culturais pessoais, em uma perspectiva decolonial” (GOÉS; ROSA, 2021, p. 3).

Assim sendo, os Documentos Normativos, como as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil (DCNEI), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Proposta Curricular para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza, Ceará pressupõem a concepção de criança como um sujeito que, em constante diálogo com o

³ <https://developingchild.harvard.edu/>.

meio, constrói conhecimentos a cada interação e brincadeira, ao mesmo tempo que elabora sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimentos (BRASIL, 2017; 2010; FORTALEZA, 2020).

Nesse momento, a intencionalidade do ato pedagógico surge como ferramenta que incidirá diretamente na organização e na proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, a cultura e a produção científica, traduzindo-se nas práticas de cuidados pessoais, nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas (BRASIL, 2017; 2010). Por isso, é tão crucial que, para combater o racismo, a mudança seja feita “no reconhecimento de sua existência, na tomada de posicionamentos e na adoção de práticas cotidianas” (PIA, 2023), trabalhando-o no centro das vivências.

Desse modo, os direitos de aprendizagem (BRASIL, 2010; 2017), que incluem o conviver, o brincar, o participar, o expressar, o explorar e o conhecer-se, surgem como extensões ainda mais relevantes dos princípios éticos, políticos e estéticos. Isto parte da necessidade de garantia desses direitos a partir de uma concepção de currículo que se sustenta “na escuta ativa das crianças, no bem-estar de todos, no acolhimento das crianças e suas famílias, com uma abordagem amparada pelos princípios da diversidade, autonomia, participação e globalidade” (FORTALEZA, 2020, p. 10). Vale destacar que as práticas de racismo não tem início na escola, mas são reforçadas quando, de forma inconsciente, são reproduzidas. Quando não reforça, a escola silencia diante das situações de violência, o que também não auxilia no combate e somente aumenta a rede de preconceito enraizada na sociedade brasileira (CAVALLEIRO, 2012).

Conforme pontuam Silva *et. al* (2012), o planejamento e o desenvolvimento de boas práticas para a igualdade racial devem ser expressos em uma proposta pedagógica que contemplem dois eixos: identidade afro-brasileira e patrimônio cultural, correlacionando, de maneira harmoniosa e saudável, a construção positiva da autoimagem e a compreensão global de toda a ancestralidade e história que o povo negro carrega, entendendo as diferenças inerentes e constituintes dos sujeitos.

Foi nesse sentido que o projeto intitulado “Em contato com a diversidade: na nossa sala conversamos sobre isso” foi concebido, com o objetivo de que 20 (vinte) crianças do Infantil II, da creche, em tempo integral, de um Centro Educacional de Educação Infantil (CEI) da Rede Municipal de Educação da Prefeitura de Fortaleza (CE), conhecessem e ampliassem os seus conhecimentos sobre as características físicas

de si próprias e dos seus pares, conhecendo costumes, hábitos e produções africanas, potencializando a construção de uma autoimagem positiva e sensível, por meio da oportunização de experiências artísticas, culturais, corporais e estéticas. O projeto foi realizado no ano de 2023, com a participação das professoras regentes, assistente educacional, gestão escolar e o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Como metodologia, foi utilizada uma abordagem qualitativa, de cunho descritivo e interpretativo, a respeito das vivências realizadas no projeto, que foram: a) Roda de leitura do livro “Lápis cor de pele”, na qual as crianças perceberam suas características físicas distintas; b) Roda de conversa e a representatividade nos brinquedos da Sala de Referência; c) Experiência de pintura sobre as diferentes cores de pele, na qual foi possível criar diferentes representações sobre os sujeitos sob o olhar das crianças; d) Produção de esculturas de argila, onde as crianças puderam fazer suas interpretações sobre como as pessoas são percebidas e decifradas por elas em seu cotidiano.

Os resultados revelaram que a temática das relações étnico-raciais são experienciadas pelas crianças diariamente e elas, como sujeitos com potencialidades, levantam questionamentos sobre as relações plurais, partindo daí interesses próprios acerca desse repertório, cabendo ao professor(a) atuar como facilitador no cerne de práticas pedagógicas antirracistas. Percebeu-se que as vivências proporcionadas no âmbito do projeto favoreceram um ambiente acolhedor e frutífero para as discussões sobre as relações étnico-raciais, estimulando o senso sociocultural entre as crianças e fortalecendo o (re)conhecimento e o pertencimento racial de si e dos outros, a partir de imagens positivas de si mesmos, como bem imaterial para as infâncias.

Desse modo, partindo da concepção do projeto e suas possibilidades, surgiu a questão de pesquisa: *Como um projeto que aborda as relações étnico-raciais na primeira infância foi desenvolvido, evidenciando a construção da autoimagem e o pertencimento racial pelas crianças do Infantil II, a partir das vivências realizadas?* Tem-se o objetivo geral deste estudo, que é compreender o desenvolvimento de um projeto sobre as relações étnico-raciais e a construção da autoimagem e o pertencimento racial por crianças do Infantil II, a partir da realização de diferentes vivências. Como objetivos específicos, têm-se: a) Descrever as vivências realizadas no âmbito do projeto, evidenciando a construção da autoimagem e o pertencimento racial pelas crianças; b) Identificar a contribuição das vivências propostas pelo projeto, buscando o desenvolvimento de uma autoimagem positiva e o pertencimento racial pelas crianças.

A partir da pesquisa aqui discutida, espera-se contribuir com o desenvolvimento integral das crianças em aspectos sociohistóricos e culturais, ampliando o repertório de mundo na primeira infância e estimulando a vivência de experiências positivas em torno do pertencimento racial. Com este estudo, almeja-se partilhar os frutos das vivências realizadas com as crianças, despertando outros olhares para a Educação Infantil.

Na seção a seguir, os procedimentos metodológicos utilizados serão descritos.

METODOLOGIA

A pesquisa compreendeu uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, a partir da compreensão detalhada das ações realizadas com as crianças, permeada pela observação direta, buscando entender os sentidos atribuídos aos fenômenos (GIL, 2021). A coleta dos dados foi realizada mediante a organização da Documentação Pedagógica, refletida em forma de registros em diários de campo, relatórios individuais das crianças, vídeos, fotografias, diários de classe e planejamentos. Vale destacar que a Documentação Pedagógica, de acordo com Formosinho (2019), revela uma aprendizagem situada, proporcionando resultados contextualizados ligados aos processos vividos pelas crianças.

Esta seção apresentará os procedimentos metodológicos empreendidos acerca das vivências realizadas junto às crianças do Infantil II, de um Centro Educacional de Educação Infantil (CEI), pertencente à Rede Pública Municipal de Educação de Fortaleza, Ceará, no ano de 2023, no âmbito do Projeto “Em contato com a diversidade: na nossa sala conversamos sobre isso”. O projeto buscou trabalhar com as crianças os conhecimentos e as vivências em torno da percepção sobre as diferenças (BRASIL, 2017), bem como a autoimagem positiva de si, a confiança nas interações e o senso de pertencimento racial e identitário ainda na primeira infância, fazendo-as se sentir parte integrante de um povo e de uma história. Ao todo, 20 (vinte) crianças participaram das vivências, na idade entre 2 (dois) e 3 (três) anos. As vivências foram organizadas na Sala de Referência, além de outros espaços da instituição, como Pátio Naturalizado, *Solarium* da sala e outros ambientes do CEI, visando que as crianças ampliassem as suas atuações em diversos entornos físicos e sociais, com diferentes sujeitos.

Sendo assim, as vivências propostas junto às crianças foram: a) Roda de leitura do livro “Lápis cor de pele”, na qual as crianças perceberam suas singularidades e características físicas distintas, algumas, reconhecendo-se nas personagens da história;

b) Roda de conversa e a representatividade nos brinquedos da Sala de Referência; c) Experiência de pintura sobre as diferentes cores de pele, na qual foi possível produzir diferentes representações sobre os sujeitos sob o olhar das crianças; d) Produção de esculturas de argila, onde as crianças puderam fazer suas interpretações sobre como as pessoas são percebidas e decifradas por elas em seu cotidiano e rede de interações.

Dito isto, espera-se que o trabalho aqui discutido contribua de forma significativa com as experiências que têm sido realizadas com as crianças, considerando a construção de suas imagens, os seus processos de aquisição de confiança e autoestima, assim como o desenvolvimento da noção de pertencimento racial ainda nas infâncias. A seguir, serão apresentadas as vivências incorporadas ao cotidiano das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção está organizada a partir das vivências realizadas junto às crianças, descrevendo suas ações. A seguir, as experiências serão discutidas e problematizadas. Vale destacar que as imagens das crianças foram devidamente autorizadas pelos/pais responsáveis por meio de Termos de Consentimento de Imagem assinados.

Roda de leitura do livro de história “Lápis cor de pele”

Esse momento foi pensado como um convite para que as crianças percebessem suas singularidades e características físicas distintas, respeitando-se entre si, de forma a ajudá-las a entender suas emoções e atuações em seus núcleos sociais, como o familiar e o escolar, auxiliando-as, também, na exploração de suas descobertas e na resolução de dificuldades e conflitos (BRASIL, 2017). Dessa forma, foram concebidas e organizadas diferentes vivências, iniciando-se pela Roda de Leitura do livro “Lápis cor de pele”.

Importante frisar que a Roda de Leitura caracteriza-se como um momento precioso de trocas, diálogos, participações e (re)leituras feitas pelas crianças sobre as histórias que são contadas, a partir de uma curadoria de livros feita para o acervo da Sala de Referência. Neste momento, elas entram em contato com a linguagem oral e escrita e com os diferentes suportes que contêm as histórias, aproximando-se do mundo letrado que vivemos e atuamos. A Roda de Leitura busca, assim, despertar e estimular a imaginação, a comunicação, o gosto pela leitura, o trabalho com as emoções e a escuta atenta em relação ao entorno, dando atenção às suas falas, hipóteses, interesses e percepções sobre o mundo físico, natural e social (BRANDÃO *et. al*, 2021).

Para a Roda de Leitura realizada, o livro de história escolhido foi o “Lápis cor de pele” (2017), de autoria de Daniela de Brito, que conta a história de Ana, uma menina que descobre, em meio às interações na escola, que as pessoas possuem características físicas diferentes, inclusive, em sua família, e que o tom do lápis “cor de pele” pode ser bem mais diverso do que conhecemos. A partir da Roda de Leitura, entremeada por diálogos levantados pelas crianças, elas puderam confrontar a diversidade existente de raças e etnias, percebendo que as diferenças fazem parte do convívio em sociedade e que as pessoas, em suas subjetividades, constituem um todo plural e diversificado. Nesse momento, uma fala surgiu: “Tia, eu também tenho o cabelo assim (referindo-se ao cabelo afro) e tenho a pele pretinha...”, evidenciando a sua autopercepção.



Figura 1 - Capa do Livro de história “Lápis cor de pele”

Fonte: Dani de Brito Escritora. Disponível em:
<<https://danidebrito.com.br/product/livro-lapis-cor-de-pele/>>.

A partir da leitura do livro, as crianças da turma colocaram em evidência as suas próprias características e dos colegas, olhando uns para os outros com tom divertido e curioso, observando as particularidades de cada um. Uns falavam: “Eu sou branco e tenho o cabelo castanho” ou “Eu sou negro e tenho o cabelo cacheado”, apontando para as suas cores de pele e reconhecendo-se como parte integrante dentro do grupo (Figura 2). Após esses momentos de diálogo e escuta atenta das crianças, foi possível ampliar as visões sobre as suas identidades, proporcionando uma elaboração, nos primeiros anos da infância, de uma imagem positiva de si mesmas e de seus grupos.



Figura 2 - Roda de Leitura com o livro de história “Lápis cor de pele”

Assim, por meio dessa vivência inicial e das observações espontâneas feitas pelas crianças acerca de suas identidades, o projeto ganhou força e notoriedade, sendo possível pensar outras vivências interrelacionadas às questões étnico-raciais.

Roda de conversa e a representatividade nos brinquedos da Sala de Referência

Após a vivência da Roda de Leitura, foi realizada a seleção de alguns brinquedos disponíveis na Sala de Referência, seguida de suas apresentações em formato de uma roda de conversa. Aos poucos, as crianças foram expondo o que observavam dos brinquedos e as características físicas deles (Figura 3). Rapidamente, as crianças perceberam que possuíam características semelhantes às dos materiais, como cor da pele, dos olhos ou dos cabelos, e apontavam para si mesmas ou para os colegas.



Figura 3 - Bonecas trabalhadas na representatividade dos brinquedos

Esse momento configurou-se como de relevância ao passo que, por meio dele, as crianças puderam perceber, de maneira sistemática e intencional, o uso dos brinquedos e de suas características físicas, comparando-as com as suas próprias. Esse movimento é fundamental, em especial, no cotidiano da Educação Infantil, posto que as crianças passam a se sentir representadas por meio dos brinquedos que elas utilizam em suas

brincadeiras espontâneas e estruturadas, em destaque para os brinquedos que representam a identidade negra e o pertencimento a um grupo étnico-racial.

Experiência de pintura sobre as diferentes cores de pele

A experiência de pintura (Figuras 4 e 5) sobre as diferentes cores de pele buscou retratar as diferentes representações sobre os sujeitos a partir dos olhares das crianças, estabelecendo relações com a Roda de Leitura do livro “Lápis cor de pele”. Essa vivência, antes de tudo, objetivou contribuir para o desenvolvimento, nas crianças, do senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Logo, a Educação Infantil é lugar propício para a participação das crianças em tempos e espaços para a apreciação artística, favorecendo a sensibilidade, a criatividade e a expressão pessoal, permitindo que as crianças se apropriem da cultura e de suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências (BRASIL, 2017).



Figuras 4 e 5 - Experiência de pintura sobre as cores da pele

Desse modo, a experiência de pintura foi proporcionada, em pequenos grupos, estimulando que as crianças, por meio de diferentes tonalidades de tintas, pincéis e folhas coloridas, representassem as cores de pele conhecidas por elas, expressando-se através da fruição artística e da observação acerca do mundo vivido. Algumas das crianças afirmaram que só usariam tintas “beges”, “rosas” ou “brancas”, evidenciando percepções de mundo pré-concebidas acerca de suas autoimagens e sobre a compreensão de outras raças. Outras se sentiram mais impelidas a usarem somente a cor “preta”, revelando mais flexibilidade em representá-la enquanto cor de pele.

Essa experiência demonstra que é cada vez mais necessário que sejam trabalhadas propostas pedagógicas que apresentem as cores de pele e as diferenças, mostrando para as crianças que os sujeitos são constituídos de uma pluralidade. Falar abertamente sobre as cores da pele, desde cedo, é primordial, pois amplia o conhecimento social e crítico das crianças, povoando o mundo imaginário e concreto.

Produção de esculturas de argila

A produção de esculturas de argila (Figuras 6 e 7) sobre as diferentes pessoas buscou estimular as crianças a criarem, de maneira autoral e criativa, suas (re)leituras de mundo e interpretações sobre como as pessoas são percebidas e decifradas por elas em seu cotidiano. A escolha pelo material deu-se por suas possibilidades de manipulação, ao fomentar a exploração de cores, texturas, superfícies, planos, formas e volumes, criando objetos tridimensionais (BRASIL, 2017). Até então, as crianças não tinham trabalhado com a argila, o que foi oportuno para a criação das esculturas.



Figuras 6 e 7 - Representação dos sujeitos na produção de esculturas de argila

A princípio, algumas crianças apresentaram repulsa ao material ou argumentaram, falando que não sabiam como usá-lo, pedindo que as professoras ajudassem, começando a fazer as pessoas. Aos poucos, elas foram percebendo umas às outras e vendo que era possível criar aos seus modos e em seus tempos. Começaram pelas cabeças, umas maiores, outras menores; outras pelo “corpinho”, partindo para os

membros. Um dos alunos falou: “Eu vou fazer meu pai bem grande, com barriga e cabeça bem grande, pois ele é grandão assim (fazendo o gesto de algo bem grande)”.

Logo, esta experiência representou uma proposta pedagógica valiosa para as crianças, tendo em vista que puderam colocar em prática suas representações cognitivas a respeito dos sujeitos que convivem ou que já viram em algum momento da vida. Considerando os seus tempos e seus modos de criação, as crianças foram estimuladas a produzir diferentes indivíduos, sendo respeitadas nesse processo, sem imposições ou autoritarismos. Buscou-se, assim, favorecer um ambiente acolhedor para as diferenças.

A seção seguinte apresentará algumas ponderações finais sobre o estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens sobre a diversidade na primeira infância constituem-se um importante movimento pedagógico que evidencia para as crianças o quanto as comunidades são constituídas por diferentes etnias, raças e costumes, com características singulares e que formam cada indivíduo. A existência de um olhar sensível e cuidadoso sobre o tema na Educação Infantil favorece a garantia de uma representatividade e o sentimento de pertencimento a um grupo, que carrega consigo uma história de lutas, ao desenvolver práticas que discutem a identidade e a subjetividade nos primeiros anos de vida, a partir de uma escuta ativa das crianças.

Foi nesse sentido que as vivências trabalhadas no projeto foram propostas, buscando trabalhar com experiências e saberes (re)construídos a todo momento pelas crianças, enquanto indivíduos em constante formação. Espera-se que o estudo contribua para as pesquisas com crianças pequenas e que os olhares em torno das relações étnico-raciais sejam ampliados na Educação Infantil, buscando oportunizar uma pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, A. C. P.; BEZERRA, A. R. R.; SILVA, J. R. P. Rodas de leitura na Educação Infantil: a formação de “leitores pensantes”. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 30, n. 63, p. 310-326, jul./set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 2017.

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Editora Contexto: São Paulo, 2012, 142p.

Center on the Developing Child. Pesquisa “**How Racism Can Affect Child Development**”, Cambridge, MA, 2019. Disponível em: <<https://developingchild.harvard.edu/>>. Acesso em 24 de out. 2024.

FORTALEZA. Secretaria Municipal da Educação. **Proposta Curricular para a Educação Infantil de Fortaleza** / Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza - Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2020. 150p.

FORMOSINHO, J. **Documentação Pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação**. Porto Alegre: Penso, 2019.

FRANCO, N. H. R.; FERREIRA, F. I. S. Pesquisar e educar para as relações étnico-raciais na educação infantil: uma luta contra o ruído do silêncio. **Revista zero-a-seis**, v. 19, n. 36 p. 252-271, jul-dez 2017.

GIL, A. C. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. Atlas: São Paulo, 2021. 190p.

GÓES, M. S; ROSA, T. G. Formação de professoras (ES): ensino da arte para as relações étnico-raciais na Educação Infantil. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 1, p.1-15, 2021.

PIA. **Primeira Infância Antirracista: Caderno 2 - Primeiras infâncias negras e a Educação**. Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), 2023.

SILVA, H.; BENTO, M. A. S.; CARVALHO, S. P. **Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT/Instituto Avisa lá, 2012.